

A rasura e a mortalha de Penélope

Donaldo Schüler¹

Quem escreve, rasura. Texto original não existe. Debaxo de todo texto outros textos se alinham. Rasuravam os que se serviam de pergaminhos já grafados. O resultado é o palimpsesto. No palimpsesto, o texto escondido vale por vezes mais do que a última versão. A leitores atentos não escapam textos escondidos; conseguem provocar o diálogo do texto oferecido à vista com os textos rasurados.

Escritores como James Joyce escancaram a arte do palimpsesto. Da viagem de Leopold Bloom, no *Ulisses*, o leitor é atraído às fabulosas navegações do Odisseu de Homero, passando por muitas ilhas textuais que deixaram marcas nos séculos intermediários. As páginas do *Finnegans Wake*, do mesmo autor, desfilam como palimpsestos da literatura universal, em cada palavra ressoam outras, grafadas no Ocidente e no Oriente.

Outros autores empenham-se em apagar os rastros estampados em páginas escritas. Protótipo deles é a mortalha tecida por Penélope. O trabalho da esposa de Odisseu, que se arrasta por anos, esconde obstinadamente suspeitas e esperanças de que o rei de Ítaca possa retornar um dia.

A artista que vive em Élide Tessler é uma anti-Penélope. Homero referia-se a Odisseu como “aquele”, distante e ausente. Élide rasura qualidades no romance já lacunoso de Musil. Élide rasura com paixão. Numa obra inacabada, a artista não procura o acabamento, outra é a via: descida às origens, lugar onde textos nascem, matriz do dizível, fronteira do indizível. O trabalho é o contrário da arte barroca. Em lugar de cobrir buracos, abrir buracos, destampar o escondido, expor fendas. As páginas se sucedem e as fendas se alternam, vazios em outros lugares, lugares inusitados, inusuais, inolvidáveis. O risco de fendas, de lendas, de linhas que se alinham lentas: qualidades elididas, quebras, sulcos, sem qualidades, qualidades rasuradas, zeradas, textos que se quebram, riscos, rasgos. O inusitado, o inesperado, a surpresa da palavra por vir, da palavra não vinda. A palavra finda, funde. A palavra ronda a rasura, a rasura rói a palavra. Rasuras na pele do livro. Palavras se tocam, chocam-se sem qualidades, rumo ao fundamental, ao sem fundo, ao vazio além dos textos, além dos pontos e das vírgulas. Além do estilo, além do estilete, estados estalam, instalam, destilam a festa do inusitado, da sombra, do assombro. O risco da fenda, do texto fendido, da falta falida, falada, fadada, recebida e dada, doada. As marcas da passagem, da margem, da mira, do murmúrio, do canto, do encanto, do espanto, da primeira estrela e da última. O resultado lembra o *Fim de jogo*, de Samuel Beckett.

¹ Texto inédito, escrito em 2007